

Contente, deixei a família, fui a Porto Alegre e busquei abrigo na casa de um velho conhecido de nome Carl NN. Ele era católico, mas não praticava a religião e estava totalmente imbuído das idéias liberais. Alguns dias antes de minha partida me senti mal e não pude ir ao trabalho. Por isso lhe pedi algo para ler, mas ele não tinha nada, com exceção de uma brochura que um monge lhe havia dado em Bremen, quando estava embarcando para o Brasil. Esse pequeno livro provava que a santa religião católica era a única realmente salvadora. “Me dê isso mesmo, quero lê-lo, apesar de ser protestante”, lhe respondi. Até de noite eu havia lido três vezes o livrinho e meditado sobre ele. Quando o devolvi, estava decidido a tornar-me católico, isto é, “regressar ao seio de minha boa mãe, a santa igreja católica”, da qual Lutero me tinha desviado no século 16 na pessoa de meus antepassados. É verdade que Satanás no início colocou grandes empecilhos ao meu intento, mas com o bondoso apoio de Deus consegui superá-los e, finalmente, na festa de São José, em 1859, aderi na capela de Santo Inácio em Feliz à confissão de fé católica diante do venerando padre Michael Kellner, recebendo no mesmo dia os santos sacramentos.

Não quero esquecer nunca as muitas bênçãos com que o Senhor me abençoou depois de ter tomado essa decisão, não esquecer a alegria e a paz interior que se apossou de minha alma. Só posso dizer que tive a consciência de que a graça de Deus estava comigo, que ele me adotou como seu filho.

Alguns anos depois abri em minha casa uma escola, já que a escola mais próxima se localizava a duas horas de distância, procurando dessa forma atender a uma necessidade premente. É natural que não se podia viver com um salário de 500 réis, mas persisti por alguns anos. Em 1867 fui com minha mulher e seis filhos novamente para Porto Alegre, onde consegui instalar-me e ter uma vida digna. As minhas duas filhas frequentaram a escola do convento das irmãs de Maria e meus filhos uma escola católica, até que mais tarde todos os seis foram gradativamente passando para a escola normal, para preparar-se para o magistério a fim de, após o encerramento do curso, conquistar um emprego público, objetivo que alcançaram, com exceção da filha mais nova, a qual, depois de ter concluído com brilho o curso, em vez de solicitar emprego numa escola abandonou em definitivo a vida mundana, vestindo o véu no convento das irmãs do Sagrado Coração de Maria. Entrementes ela é superiora em Lajeado e diretora da escola, a qual se encontra sob a proteção de Santa Ana e tem muitos alunos. Minha filha trabalha juntamente com oito outras irmãs dando, com muitas bênçãos, educação e ensino às crianças.

Por fim ainda devo lembrar que em 1884, no dia 17 de setembro, na festa das cinco chagas de São Francisco de Assis fui aceito como irmão da Ordem Terceira, à qual hoje já pertencço há 16 anos.

Uma tribo que pensa e negocia em alemão: uma contribuição à história evangélica do germanismo no sul do Brasil, século 19

João Guilherme Biehl

As pessoas são confeccionadas de acordo com as necessidades do seu tempo... Alguns pássaros são cegados para que cantem melhor. Não penso que as pessoas hoje cantem melhor do que os seus antepassados; tenho, no entanto, a certeza de que são cegadas mais cedo.

Friedrich Nietzsche¹

PRÓLOGO

“Não se acha religiosidade no Brasil”: palavras do Pastor Herman Borchard, pioneiro da campanha para sinodalizar as comunidades evangélicas no sul do Brasil. O missionário alemão documentou esta *irreligiosidade* no primeiro relatório que enviou aos seus superiores eclesiásticos em Berlim, logo após a sua chegada em São Leopoldo, no início de 1865. De 1854 a 1861 (depois de ter concluído seus estudos em Königsberg), Borchard trabalhou nos Estados Unidos junto ao Sínodo Luterano da América do Norte. De volta à Alemanha, exerceu a chefia da União Berlinense para os Emigrantes Alemães Evangélicos e da Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América do Norte. Entre viagens e conferências, assumiu ainda um pastorado em Barmen por um ano e meio. “Livros descrentes, como o Evangelho da Natureza, romances ruins e escritos racionais acharam seu caminho para cá via oceano. Lêem-se mais romances do que a Bíblia. Os bailes reúnem mais gente do que a igreja. Não se conhece o descanso do sábado. Aqui, no entanto, ainda não impera uma descrença tão selvagem quanto nos Estados Unidos.”² afirma Borchard.

A intervenção pastoral de Borchard *et alli* é parte da miríade de práticas discursivas, aparatos e contingências que deram forma ao germanis-

João Guilherme Biehl é graduado em Jornalismo (UFRGS) e em Teologia (EST/São Leopoldo), mestre em Filosofia (UFSM), doutor em Antropologia e Sociologia da Religião (GTU/Berkeley).

¹Nietzsche, Friedrich. *The use and abuse of history*. New York: Macmillan Publishing, 1957. p.44. Ao abrirem portas, muito obrigado: Martin Dreher, René Gertz, Arthur Rabuske, Angela T. Sperb.

²E.Z.B, Die Mission unter den Evangelischen Deutschen in SüdBrasilien, 1/5/1865.

mo local, *hiesiges Deutchtum*, no sul do Brasil do século passado. *Deutchtum* aqui não é entendido como o destino inexorável de imigrantes e seus descendentes, ou a evolução de bastardos de uma espécie nacionalista. O presente ensaio é um espaço intersticial na realidade forjada por mediações eclesiais sintonizadas com extensões d'além mar da suposta autoconsciência alemã.³ Procuo pelos efeitos de verdade produzidos pela filantropia e pedagogia de tal espírito vivificado em epistolários e relatórios fundantes da história evangélica do germanismo nesta terra.

Aqui religião está imbricada com regulamentações de vida,⁴ com *práticas de governabilidade e modos de subjetivação*.⁵ Trabalho com o gride analítico formulado por Michel Foucault no que concerne ao "poder pastoral": "é co-extensivo e contínuo com a vida; está ligado com a produção da verdade – a verdade individual."⁶ Esta forma de poder originou-se dentro das instituições do cristianismo primitivo, sendo que implicava um exame da consciência e a capacidade de dirigi-la: "É uma forma de poder através da qual não somente se toma conta da comunidade, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida."⁷ Foucault enfatiza que em meados do século 18 esta função quantitativa e analítica foi integrada no moderno estado de previdência social: "Não se tratava mais de guiar as pessoas para sua salvação no outro mundo, mas, ao invés, de garanti-la neste mundo" através de, por exemplo, aparatos familiares, policiais e médicos.⁸

Então, esta recoleta de inscrições pastorais é parte de uma ampla problematização de como práticas representacionais tornaram-se, de forma violenta e produtiva, fatos biográficos e sociais dentro da dinâmica instalação da ordem moderna ou *modus vivendi* do germanismo local.⁹ Processos de *descolamento e recolagem*¹⁰ foram operacionalizados através de normalizações religiosas e políticas que, combinados com injustas *oikonomias* e auto-estranhamentos, formalizaram servidões imagi-

³ Vide a problematização de Norbert Elias sobre a *Kultur* alemã e *civilisation* francesa em *The History of Manners*, New York: Pantheon Books, 1978.

⁴ Vide Weber, Max. *Religious rejections of the world and their direction*. In: Gerth, H.; Mills, W. (eds.). *From Max Weber: essays in sociology*. New York: Oxford University Press, 1946. Vide também Weber, Max. *The sociology of religion*. Boston: Beacon Press, 1968.

⁵ Vide Foucault, Michel. *On governmentality*. In: Burchell, G. (ed.). *The Foucault effect*. Chicago: The Chicago University Press, 1991; *The use of pleasure: the history of sexuality*. New York: Vintage Books, 1990. v.2.

⁶ Dreyfus, Hubert; Rabinow, Paul. *Michel Foucault: beyond structuralism and hermeneutics*. Chicago: The Chicago University Press, 1983, p.214.

⁷ Idem. ⁸ Ibidem, p.215.

⁹ Vide minha dissertação Jammerthal, the Valley of Lamentation – The Mucker War: a contribution to the history of local germanism in 19th century southern Brazil. Graduate Theological Union, Berkeley, março de 1996.

¹⁰ Vide Giddens, Anthony. *The consequences of modernity*, p.18.

nárias que até hoje plantam, na sujeira, as (feli)cidades alemãs de um presente fantasmagórico. Mas isso não é tudo o que existe.

Através deste ensaio apresento reações do catalisador do germanismo local, maçom Karl von Koseritz (diretor do *Deutsche Zeitung* desde 1864), ao projeto sinodal evangélico encabeçado pelo Pastor Borchard e, mais tarde pelo Pastor Kleingünther. Trata-se de explicitar interconexões deste projeto eclesial com o ideário de Koseritz a partir de conflitos ocorridos durante maio e junho de 1873 nas comunidades evangélicas de Porto Alegre e da colônia de Linha Nova. Neste contexto, diferenças individuais e populacionais eram mapeadas no plano congregacional. Exatamente no período em questão, os participantes das reuniões ao redor dos transes e interpretações bíblicas de Jacobina e dos *pharmakons* preparados por seu marido, João Jorge Maurer, (o casal era membro da Comunidade Evangélica de Sapiranga), eram publicamente a/normalizados como *Mucker* ("muito religiosos, intolerantes").¹¹ Nos relatos destes espíritos expansionistas investidos em histórias naturais e variantes positivistas percebemos uma série de ações e repetições, convenções, imitações, caricaturas formulando medidas reais de onde emergem direções de vida e morte, enquanto rastros se dispersam. Trata-se da instrumentalização de *Kultur* tanto pelos missionários evangélicos quanto pela emergente burguesia germanista lutando por instalar-se politicamente no cenário provincial e nacional. Entrementes, em meio a estas intervenções pastorais e mediáticas é possível vislumbrar resíduos de intercâmbios e razões vitais colonas. O fato é que amplos segmentos colonos não endossavam as novas regulamentações pessoais e comunitárias articuladas através dos interesses e práticas maçons, protestantes e jesuítas – o projeto de uma tribo pensando e negociando em alemão. São vozes na outra cena desta modernidade local, (*die Idee einer anderer Lokaliüt* – a idéia de uma outra localidade¹²), mais tarde literalmente feita ausente-presentes na marca traumática *Mucker*.

Refiro-me a *spüren* na língua colona (*ecke Deutsch*, língua das macegas, que não cabe em dicionários e gramáticas de pátrias inexistentes aqui): sentir algo estranho no próprio corpo, também prever. Então sujeitos cortam-se de linguagens ilusórias, revelando no seu lugar mentiras e injustiças, e levam a vida adiante, do seu jeito. *Spüren* são os rastros de animais caçados, fora do lugar dentro da imagem.

Eis que a janela se fecha quando, desconhecido, me acheço a uma casa do século passado na colônia de Padre Eterno. Ó de casa... Alguém em casa? O que não responde espia pelas frestas.

¹¹ Vide meu artigo Apontamentos para uma arqueologia dos Mucker. *Psicanálise e ilusões contemporâneas/Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.

¹² Jacques Lacan trabalha com esta expressão utilizada por Sigmund Freud para referir-se "a um outro espaço, outra cena, entre a percepção e a consciência". *The four fundamental concepts of psychoanalysis*. New York: W.W. Norton, 1981, p.56.

Segundo Borchard, os desvios colonos de práticas religiosas ortodoxas eram consequência da precariedade das estruturas eclesiásticas locais, constantemente ameaçadas pelo liberalismo maçom e pelo proselitismo dos jesuítas. Era necessário agir imediatamente, de forma drástica: importar pastores com formação teológica e missionária alemã e administrar o indiferentismo das comunidades: “Os que nasceram na Alemanha têm um sentimento sombrio de que não é decente deixar-se batizar e casar por qualquer vagabundo. Já que é impossível voltarem para a Alemanha, eles não têm outra opção do que aceitar estas práticas... Assim que aqui existir um grande número de pastores reunidos num sínodo e for criada uma estrita ordem eclesiástica, então as comunidades se juntarão muito mais rápido do que aconteceu nos Estados Unidos... Este é um campo de trabalho árido, fundado em indiferença. Mas é aqui que a Igreja Evangélica pode dar frutos.”¹³

Este trabalho missionário concebia-se como uma extensão legítima da nacionalidade alemã d’além mar (identificada com teorias/práticas racistas em voga): “A nacionalidade alemã local tem um bom futuro... Aqui é possível fundar comunidades alemãs puras. Nos Estados Unidos os alemães misturaram-se com os anglo-saxões. Aqui, durante 39 anos, a população alemã permaneceu não-misturada... As nacionalidades alemã e portuguesa são de caráter e singularidade tão distintas que não se podem misturar. A Província do Rio Grande do Sul é o ponto de encontro dos imigrantes alemães no Brasil; para cá devem ser deslocados todos os imigrantes alemães que vêm ao Brasil... O clima é saudável, o solo é fértil; só é preciso muito trabalho. Além do mais, é importante que os alemães se concentrem numa província.”¹⁴

Num ambiente que lembrava “a igreja alemã no final do século 18”, Borchard também encontrou resquícios obscuros de “um sentimento religioso tradicional entre os que aqui nasceram... Seus pais eram trabalha-

¹³ Vide nota 2. Em 1882, antes da publicação do seu livro *Die Mucker*, padre Ambrosio Schupp relatou o que seus predecessores jesuítas haviam encontrado ao instalarem-se nas colônias por volta de 1850. Eles também interpretaram a religiosidade colona como um desvio ou disfunção a ser corrigida. Notas do pe. Lipinsk (Rabuske, Arthur. A contribuição teuta à igreja católica no Rio Grande do Sul. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, n.28, p.141): “A longa falta de um regular cura d’almas havia produzido para além disso uma espécie de embrutecimento, também numa parte dos moradores católicos. E, visto, que lhes faltava o sacerdote, tinham-se metido, eles mesmos a organizar um culto leigo. A direção deste culto foi confiada a um colono do meio-ambiente. Esse homem, que tinha mais sentimentos piedosos do que juízo reto, afastou-se insensivelmente do caminho da ordem, permitindo a si mesmo, coisas incríveis. Revestido de reles casaca – uma espécie de batina – de cujos bolsos espiavam as cartas do baralho, aproximava-se ele do altar. Ajudavam-no dois meninos, fazendo de acólitos, enquanto ele mesmo imitava todas as ações litúrgicas do padre celebrante... Acontecia isso de há muito tempo...”

¹⁴ Vide nota 2.

dores pobres e, livremente, trouxeram pouca fé da Alemanha. Mas eles ainda têm a velha Bíblia trazida pelos familiares da Alemanha – e isto os lembra de que são cristãos evangélicos... Também ouviram que seus pais caminharam muito para batizá-los, por isso também querem batizar e confirmar seus filhos... Este é ponto inicial para a missão. Os pais não mandam as crianças regularmente à escola. Disso decorre o mau hábito de confirmá-las muito jovens, sem prévio ensino por parte do pastor.”¹⁵

As festas e bailes que freqüentemente aconteciam após os cultos foram interpretados como transgressões profanas. Borchard registrou um incidente acontecido na Comunidade Evangélica de Lomba Grande – devido à presença do pastor, os colonos adiaram a festa dançante, mas não a cancelaram: “A comunidade de Lomba Grande é composta de setenta famílias, que moram numa distância de uma a quatro horas da igreja. Mesmo assim, todos se fizeram presentes, homens, mulheres e senhoritas em trajes típicos da Bavária, com lenços coloridos nos cabelos. Fiquei muito feliz ao ser saudado por todos quando cavalgava a caminho da igreja. As crianças me receberam com um canto. A igreja foi decorada de forma festiva. Em consideração à minha pessoa, a festa dançante marcada para acontecer naquele domingo foi transferida para o domingo seguinte.”¹⁶

Borchard relatou que, com muita dificuldade, conseguiu impor novas regras para o ensino confirmatório; uma vez que a maioria dos primeiros imigrantes pertencia à Igreja Reformada, introduziu o catecismo de Heidelberg; manteve o hinário berlinense, pois no passado recente um grande número de exemplares fora enviado a Porto Alegre e, então, distribuído nas colônias.¹⁷ O missionário também informou que o Imperador Dom Pedro II fornecera uma pequena contribuição financeira para a construção da Igreja Evangélica de São Leopoldo. A maior parte da construção fora feita a partir de doações, recursos e trabalho dos próprios

¹⁵ Idem. Ao descrever sua primeira missão popular pelas colônias alemãs, em 1858, o padre jesuíta Bonifácio Klüber (pároco de São Leopoldo entre 1859 e 1864) descreveu uma religiosidade caracterizada pela ausência de prédios religiosos (“sem tabernáculos para o Santíssimo, nem púlpito); pela hospitalidade (“dessa forma cada morador colono dos arredores tinha geralmente à sua mesa 20, 30 ou até mesmo 40 hóspedes, que ele atendia”); indiferença (“havia preferência sair em busca de caça por montes e vales”); e sinais de iconolatria (Rabuske, Arthur. A contribuição teuta à igreja católica no Rio Grande do Sul. *Estudos Leopoldenses*, n.28, p.141): “Dias mais tarde fui a cavalo, em companhia de uma longa fila de cavaleiros e Amazonas ao Jannerthal... atravessando assim altas e íngremes montanhas. Numa choça de barro, ornada de flores e ramos de palmeiras, ofereci o santo sacrifício da missa, para o qual ocorreram de longe alemães, também protestantes, em traje festivo. No rústico altar improvisado, o sentimento devoto dos moradores tinha reunido e afixado todas as imagens e estampas existentes naquela picada.”

¹⁶ E.Z.B., Carta de Borchard, 28/5/1864.

¹⁷ Depois de revistar a casa de João Jorge e Jacobina Maurer em maio de 1873, a Polícia informou ter encontrado a Bíblia e este hinário.

membros da comunidade. Ao descrever o interior do templo, Borchard criticou o caráter híbrido das simbolizações evangélicas: “No altar há uma pintura da Ascensão de Cristo que certamente pertencia originalmente a um mosteiro católico, mas foi presenteado por comerciantes britânicos. No altar queimam velas. Na Santa Ceia é usado pão. Ao invés de cálice é usado um copo comum; ao invés da jarra uma garrafa de vinho, ao invés da pia batismal uma bacia... Vocês podem imaginar que aqui existe uma caótica mistura de hábitos e maus costumes reformados e luteranos, algo católico, cristão e racional.”¹⁸

Conforme os dirigentes berlinenses, até a chegada de Borchard os colonos estavam abandonados a si mesmos: “Muitos deles ficaram trinta anos vivendo sem qualquer prédica da palavra divina, nenhum professor instruiu suas crianças. Ou, o que é ainda pior, foram freqüentemente atendidos por sujeitos depravados, que indecentemente abusaram do ofício a eles conferido a ponto do pastor e o ofício pastoral serem desprezados. É o grande mérito de Borchard ter libertado o ofício desta vergonha.”¹⁹ Em meados de 1870 os relatórios oficiais do “Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil” ressaltavam as dificuldades enfrentadas por Borchard na fundação do sínodo, o perigo jesuíta, as brigas entre as comunidade acerca da sede da moradia pastoral, problemas decorrentes de casamentos mistos. Destaque especial era dado ao anúncio de pastores recém-chegados e à listagem de comunidades aderidas ao seu comando.

O relatório do Comitê Berlinense de 1871 atribuiu o aumento do nível de instrução escolar nas colônias à chegada de “pastores leais”. Tanto clérigos evangélicos quanto jesuítas articularam-se localmente através de estabelecimentos de ensino.²⁰ As lideranças do germanismo local aplaudiram este processo de escolarização das colônias: “Os jornais alemães de São Leopoldo e Porto Alegre finalmente publicaram um artigo elogioso sobre o trabalho da instituição e sobre os méritos do Dr. Borchard na elevação do ensino no Brasil.”²¹

Afinal, por que toda esta ajuda através de recursos humanos e materiais às comunidades evangélicas no sul do Brasil? A resposta se en-

¹⁸ Vide nota 2. Em maio de 1873 a Polícia invadiu o quarto onde Jacobina tinha seus transe. Conforme Koseritz, em *Deutsche Zeitung*, 28/6/1873: “A casa é construída para ilusões misteriosas. Os quartos são contínuos; não é preciso sair de um para entrar-se no outro. O subdelegado entrou em todos os aposentos, inclusive o quarto escuro onde a senhora Cristo faz os seus experimentos... Aí foram encontradas um par de pistolas, algumas facas e três quadros... Cristo, Dr. Borchard e Ignácio de Loyola”.

¹⁹ E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in SüdBrasilien* – Fünfte Bericht, p.9,10.

²⁰ Para informações sobre os jesuítas e suas práticas educacionais vide Lúcio Kreutz, *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1991.

²¹ E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in Brasilien* – Vierter Bericht, p.11, 14.

contra no relatório do Comitê Berlinense publicado em 1874: “Assim como um dever cristão nos impulsiona para tal pedido, da mesma maneira um dever nacional. Então, do que se trata? É basicamente também um empreendimento patriótico quando nós procuramos que uma parte dos imigrantes que vão cada ano para a América e são, assim, perdidos pela Alemanha, guardem nossa Pátria. Quão importante é ter d’além mar uma tribo alemã que pensa e negocia em alemão, que simpatiza conosco em termos de comércio e de política, e representa nossos interesses em todas as questões – isso já é reconhecido desde há muito pela sensatez e precisa agora tornar-se óbvio para todos os esclarecidos.”²²

“ARTE DE ARREBANHAR FIÉIS”

O jornalista maçom Karl von Koseritz encabeçou as tentativas da ilustrada burguesia “alemã” de consolidar politicamente seu crescente bem-estar econômico aliado ao expansionismo nacionalista alemão. Já não mais se tratava de fundar colônias agrícolas através de anexação territorial: “[Aqui] uma conquista pacífica é possível através de trabalho e sem dependência política da pátria... O sul do Brasil apresenta o terreno mais favorável para este tipo de conquista, pois aqui podemos permanecer sendo fornecedores e compradores da pátria – isto é o que a Alemanha de fato necessita... Nós vivemos num mundo de compensações: se a Alemanha tem o poder, o Brasil tem as riquezas naturais.”²³

O ex-*Brummer* Koseritz assumiu a direção do *Deutsche Zeitung* em 1864: “Estou consciente da missão histórica e cultural aqui designada aos elementos alemães, assim como da responsabilidade que recai principalmente sobre os meus ombros. Atento e consciente cumprirei o meu dever.”²⁴ Conforme o articulador-mor do germanismo local, por volta de 1850 os mercenários *Brummer* deixaram para trás o ideal Reino Unificado Alemão e vieram ao Brasil defender suas “idéias liberais e democráticas” – eram “politicizados” e isto os diferenciava dos colonos retrógrados: “Estes homens trouxeram consigo um espírito novo e independente, estimulando o que então existia em termos de germanismo.”²⁵

²² E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in Brasilien* – Fünfter Bericht, p.45. Nesta época Wilhelm Rottermund era secretário do presidente Fabri – na década seguinte Rottermund fundou o Sínodo, do qual a história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil oficialmente emergiu.

²³ Koseritz, Karl von. *Rathschläge für Auswanderer nach SüdBrasilien*, Berlin: Allgemeinen Verlags-Agentur, 1897. p.47, 48.

²⁴ Oberacker Jr., Carlos. *Carlos von Koseritz*. Porto Alegre: Anhambí, 1961. p.44.

²⁵ *Ibidem*, p.17. Segundo Gehse, Hans. *Die Deutsche Presse in Brasilien von 1852 bis zur Gegenwart*. Münster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1931. p.37: “Esta classe trabalhou com o objetivo de estabelecer uma plataforma para a vida intelectual nas colônias e colocar o elemento alemão na sua devida posição na vida governamental”.

No Cemitério Luterano de Porto Alegre jazem os restos mortais de Karl von Koseritz. A lápide: "Foste o grande líder do Germanismo e filho leal da tua nova pátria."²⁶

Para levar sua missão a cabo, o Pastor Borchard manteve boas relações com o editor do *Deutsche Zeitung*. Koseritz mencionou esta 'política de boa vizinhança' quando, em 1873, publicamente entrou em conflito com o Pastor Kleingünther, sucessor de Borchard na liderança do sínodo que existiu de forma provisória entre 1868 e 1873: "Com Borchard era diferente."²⁷ As primeiras tentativas de consolidação sinodal não haviam conseguido o desejado apoio das comunidades; o empreendimento existiu de forma precária devido às obsessões dos que o eram: um reduzido número de pastoral vindos da Alemanha.²⁸

As lideranças da Comunidade Evangélica de Porto Alegre abertamente confrontaram esta tentativa pastoral de administração comunitária. A partir deste conflito Koseritz teve a oportunidade de criticar o sínodo, destacando o seu caráter retrógrado e a sua ilegalidade. Os desdobramentos desta instituição não eram mais percebidos como compatíveis com as articulações do germanismo local: "A comunidade de Porto Alegre não aceita ordem de Kleingünther nem de Berlim. Aliás, o que tem o bispo prussiano a ver com comunidades religiosas no reino brasileiro?... Estes pastores e missionários comportam-se como os católicos... Este punhado de clérigos espanca com o próprio punho cristãos que pertencem a grupos evangélicos e também católicos, como se não fossem parte da cristandade positiva... Não sabem que querem uma instituição anacrônica e que o sínodo não tem existência e competência legal?... Não quisemos esta briga. Nossas palavras são insuspeitas, pois ajudaram o Pastor Borchard (hoje em dia dizemos 'infelizmente') a constituir a comunidade local e o sínodo."²⁹

Os alvos políticos de Borchard não foram maçons germanófilos, mas os assim chamados "pseudopastores" (na verdade "pastores-colo-

Vide Köhne, Reinhard. *Karl v. Koseritz und die Anfänge einer deutsch-Brasilianischen Politik*. Bochum: Heinrich Pöppinghaus, 1937. p.140s: Os Brummer tornaram-se "estudantes do materialismo de Koseritz" e, em meados de 1870, engajaram-se abertamente na *Kulturkampf* (luta cultural) contra "o mal do autoritarismo protestante e do profetismo jesuíta".

Vide também o ensaio de Dickie, Maria Amélia. *Dos "senhores do sul" aos Brummer: a trajetória da construção social do trabalho (RS, 1824-1880)*. Florianópolis: UFSC, 1989.

²⁶ In Oberacker Jr., Carlos, op.cit., p.69.

²⁷ D.Z., 28/5/1873.

²⁸ Vide carta de Borchard mencionando a criação de reuniões pastorais, E.Z.B., 7/5/1866. Vide também o relatório de fundação desta primeira tentativa sinodal in E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in Brasilien – Vierter Bericht*, p.5.

²⁹ D.Z., 28/5/1873. Vide também D.Z., 7/5/1873 e D.Z., 4/4/1873. O independentismo da Comunidade de Porto Alegre já fora descrito por Borchard em carta à sede missionária em Berlim, 28/05/1864. O assunto foi retomado por Borchard em carta de 7/5/1866.

nos", na sua maioria eleitos pelas próprias comunidades). A estratégia ordeira encetada por Borchard foi descrita pelo historiador luterano Joachim Fischer como "A Luta contra os Pseudopastores no Rio Grande do Sul no Séc.19": "Foram feitas mais tentativas de juntar as comunidades evangélicas supracomunitariamente e através disso restabelecer a ordem eclesiástica perdida. Um dos objetivos principais de todas estas tentativas era prover as comunidades com pastores ordeiros, academicamente treinados e ordenados, e também reprimir os inconvenientes pseudo-pastores que arruinavam as comunidades. Isso já vale para a primeira tentativa concreta de ordem do Pastor Dr. Hermann Borchard."³⁰

Enquanto Borchard e demais representantes sinodais tentavam vencer as comunidades de que elas precisavam requisitar a presença de pastores ordenados a fim de garantir o seu próprio bem-estar, estas mantinham-se indiferentes e independentes. Em 1868 Kleingünther relatou ao Comitê Berlinense que "a maioria das comunidades ainda não quer saber nada do sínodo... com o tempo este medo infundado das comunidades frente ao sínodo desaparecerá."³¹ Em 1873 ele enfatizou que "sem sínodo as comunidades recairão no seu indiferentismo."³² O relatório da Missão berlinense admitia em 1874 que "as novas organizações não poderiam crescer das vidas das comunidades em tão pouco tempo."³³

Afinal, o pastorado leigo era um ofício eclesiástico legal que atendia às demandas das populações colonas. A Lei de 1863 permitia que comunidades de qualquer religião oficialmente reconhecida pudessem ter validada civilmente a atuação ritual do seu pastor localmente escolhido.³⁴ Batismos, casamentos e funerais oficiados por pastores colonos tinham implicações legais. Koseritz atacou o empreendimento sinodal na medida em que ele interferia com a proposta de um germanismo integrado ao aparato legislativo brasileiro: "A comunidade que não quiser reconhecer o assim chamado sínodo não precisa fazê-lo... Cada comunidade pode escolher quem quiser para pastor e registrá-lo junto à Presidência. O Sínodo não pode impedir isto de maneira alguma já que não tem existência legal, nem surgiu a partir da livre iniciativa de todas as comunidades... nenhuma comunidade lhe deve obediência e não ser que livremente o queira."³⁵

³⁰ Fischer, Joachim. *Der Kampf gegen die Pseudopfarren in Rio Grande do Sul im 19. Jahrhundert. Evangelische Diaspora*, n.38, 1967, p.105.

³¹ E.Z.B., Carta de Kleingünther, 28/12/1868.

³² E.Z.B., Carta de Kleingünther, 22/1/1873.

³³ E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in SüdBrasilien – Fünfter Bericht*, p.10.

³⁴ Vide Fischer, Joachim, op.cit., p.105; e Dreher, Martin. *Igreja e germanidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. p.54. Mercedes Gassen Koethe discute a questão da liberdade religiosa entre imigrantes alemães, *O imigrante alemão na Província de São Paulo (1880-1889)*. São Paulo: PUC, 1987. Dissertação de mestrado.

³⁵ D.Z., 4/6/1873.

Os dois artigos acerca do conflito entre o Sínodo e a Comunidade de Porto Alegre foram publicados por Koseritz nas primeiras páginas do *Deutsche Zeitung*, final de maio e início de junho de 1873. Nestas edições ele também veiculou detalhes sobre o aprisionamento e interrogatório de Jacobina e João Jorge Maurer (esta justaposição sugere uma primeira associação dos *Mucker* com a patologia de um estado teológico). Pouco antes, a 21 de maio, Koseritz publicou carta do seu correspondente de Linha Nova, C. Buss, denunciando o autoritarismo pastoral e a imposição de novos estatutos na Comunidade Evangélica daquela colônia. Conforme Buss, isto teria, “tornado impossível o cumprimento do nosso dever de presbítero na comunidade.” No mesmo relato, Buss insinua que os “pastores profissionais” estariam perdendo a membriezia evangélica para um reles colono, João Jorge Maurer: “Ora, vós cura d’almas, pastores de almas, médicos de almas, como conseguis admirar despreocupadamente que um colono bobo vos ultrapasse na arte de arrebânhar fiéis?”³⁶ Na edição de 7 de junho do *Deutsche Zeitung*, C. Buss reiterou que alguns membros saíram da comunidade para filiar-se ao “Hanjorg”, a fim de criar uma nova “seita religiosa”.³⁷

Na correspondência de 21 de maio, Buss já explicitara que a estratégia eclesíastica propagada pelo Sínodo não estava promovendo os valores do germanismo local: “Muito se fala sobre germanismo, mas ele não vai prosseguir sem o fortalecimento da igreja e da escola... As melhores ovelhas no entanto estão saindo das igrejas. Chegou a hora – a indiferença o comprova – trata-se do nosso germanismo e do seu florescimento (que os jesuítas e os pietistas enterram de igual maneira)... É preciso empregar todos os meios à disposição, com toda a energia.”

O *Deutsche Zeitung* do dia 02 de julho publicou uma carta da diretoria da comunidade evangélica de Linha Nova apoiando a posição do seu pastor, Heinrich Hunsche, no conflito estatutário. A diretoria negou qualquer conexão entre “autoritarismo pastoral” e o desligamento definitivo de alguns membros que também participavam das reuniões na casa dos Maurer.³⁸ Hunsche e sua diretoria aproveitaram a ocasião para inferir que os ingênuos adeptos de Maurer eram justamente membros que não aceitavam os ensinamentos pastorais respaldados pelo sínodo: “Ademais, é um absurdo aproveitar a questão dos estatutos da comunidade para estabelecer uma conexão com o Hanjorg (João Jorge). Pois há pouco tempo atrás um dos seus próprios adeptos esclareceu que sua saída da comunidade nada tem a ver com tudo isto. De forma estratégica, o

³⁶ D.Z., 21/5/1873.

³⁷ D.Z., 7/6/1873.

³⁸ Mucker João Noé foi um dos que se desligou da comunidade de Linha Nova. Ele sobreviveu à guerra e, mais tarde, ditou a sua versão dos eventos Mucker para o seu filho, Miguel Noé, casado com Aurélia, filha de Jacobina e João Jorge. Vide este relato em Domingues, Moacyr. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermund, 1977.

Sr. Buss não mencionou que os cinco membros que riscaram seus nomes da comunidade são desde há muito tempo adeptos do Hanjorg.”³⁹

Os missionários alemães acabaram utilizando o evento dos *Mucker* para substanciar suas alegações de que a desordem reinante nas comunidades era decorrência direta da falta de pastores ordenados e da resistência às normas por eles formuladas. No primeiro relatório que o Pastor Rotermund enviou aos seus superiores berlinense após sua chegada a São Leopoldo em 1874 (imediatamente após o fim da guerra dos *Mucker*), ele mencionou que o trabalho do Pastor Schmierer na região do Ferrabras faria com que “a desordem e a inimizade evocadas por Maurer encontrem um final definitivo.”⁴⁰ Na linhagem de Borchard e Rotermund, o historiador Joachim Fischer não oferece qualquer crítica à legitimidade da luta sinodal contra os “pseudopastores”. Não deixa, no entanto, de reconhecer as dificuldades em erradicar esta prática religiosa local: “Com o ano 1900 a luta do sínodo contra os pseudopastores ainda estava longe do seu fim.”⁴¹

O Relatório do Comitê Berlinense de 1874 (baseado em informações coletadas durante 1871 e 1872) mencionou um caso de cura relacionado com certo Pastor Roos nas vizinhanças do Ferrabras. O “milagre” aconteceu durante um período marcado por desavenças dentro da comunidade: um homem à beira da morte foi visitado, contra a sua vontade, pelo pastor e, surpreendentemente, alguns dias mais tarde recuperou a saúde. “A partir deste feito o pastor Roos pode relatar que mais de 200 famílias permaneceram na comunidade.” Adiante, o Comitê menciona que “o pastor considerava o exercício da farmacologia como uma porta através da qual tinha acesso ao coração da sua comunidade.”⁴²

³⁹ D.Z., 2/7/1873.

⁴⁰ E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen Deutschen in Brasilien – Fünfter Bericht*, p.52. Com base em relatórios do Pastor Rotermund e do Pastor Schmierer, o historiador Martin Dreher sugere que os *Mucker* representaram um “reavivamento espiritual” decorrente da seca espiritual fomentada pelos “pseudopastores” (O movimento Mucker na visão de dois pastores evangélicos. *Peregrinação*. São Leopoldo: Sinodal, 1990).

⁴¹ Fischer, op.cit., p.98.

⁴² E.Z.B., *Die Arbeit unter den Evangelischen... Fünfter Bericht*, p.8, 22.